



Objetos e matéria: em busca de uma possível fotograficidade singular

Objets et matière: en quête d'une photographicité singulière

Darci Raquel Fonseca¹

Objetos & Matéria compreende uma série de fotografias realizadas com o telefone celular, dispositivo que, usado como meio de realização e busca de uma possível poética dos objetos do cotidiano, por estar sempre à mão, disponibiliza uma proximidade com o objeto da presente pesquisa.

Uma experiência que leva a pensar a articulação deste objeto cultural sem arte, na esfera da arte contemporânea. É certo dizer que o telefone celular ocupa um lugar a não ser negligenciado na comunicação e em diversos projetos artísticos atuais. Observamos que sua função primeira, a comunicação pela fala, se comparada a de produção de imagens, é hoje largamente reduzida. A tecnologia digital oferece cada vez mais condições para que o aparelho móvel possa ser usado em diversas aplicações, entre elas, a da criação artística visual. É certo também que o utilizador do dispositivo móvel se confronta com a predeterminação científica de fabricação deste objeto cultural, demandando um entendimento de condição, para que se possa contorná-la e, por conseguinte, obter a fotograficidade desejada para a foto em realização, pois é neste processo que o trabalho é determinante para o resultado esperado.

Pensando com Flusser, os objetos culturais foram organizados intencionalmente, e cada um ajusta o olhar do fotógrafo em sua busca. Ainda com Flusser, o fotógrafo se esgueira entre os objetos, para evitar a intenção que neles se esconde, a fim de se emancipar de sua condição cultural. Na tentativa de transmutação dos objetos culturais da vida cotidiana para a cena artística, buscamos caminhos que os revelem mais surpreendentes do que belos.

A *mise en œuvre* que articula os objetos sem arte no campo da arte visa uma articulação de suas realidades, a partir de conteúdos sensíveis que se encontram para além da materialidade que os constitui; esses objetos fotografados comportam algo da vida cotidiana que nos toca e que, de uma maneira ou de outra, nos emociona. Conforme diz Edgar Morin, a fotografia corteja os sentimentos. Clarividente, ela se abre no invisível.

Portanto, os objetos vistos, mais do que ver, nos fazem sentir o que a representação exalta visualmente como essência. Traço da realidade, a fotografia resulta de uma excepcional conjunção do real com elementos impalpáveis que emergem do ato de representação que a faz singular.

¹Professora na Universidade Federal de Santa Maria - Rs, Professora pesquisadora permanente do PPGART- Mestrado em Artes Visuais/ Fotografia e Doutorado em Artes Visuais. Pós-Doutorado pela Université de Paris 8 Vincennes Saint-Denis, Coordenadora do Grupo de pesquisa CNPQ LabFoto (laboratório de fotografia)





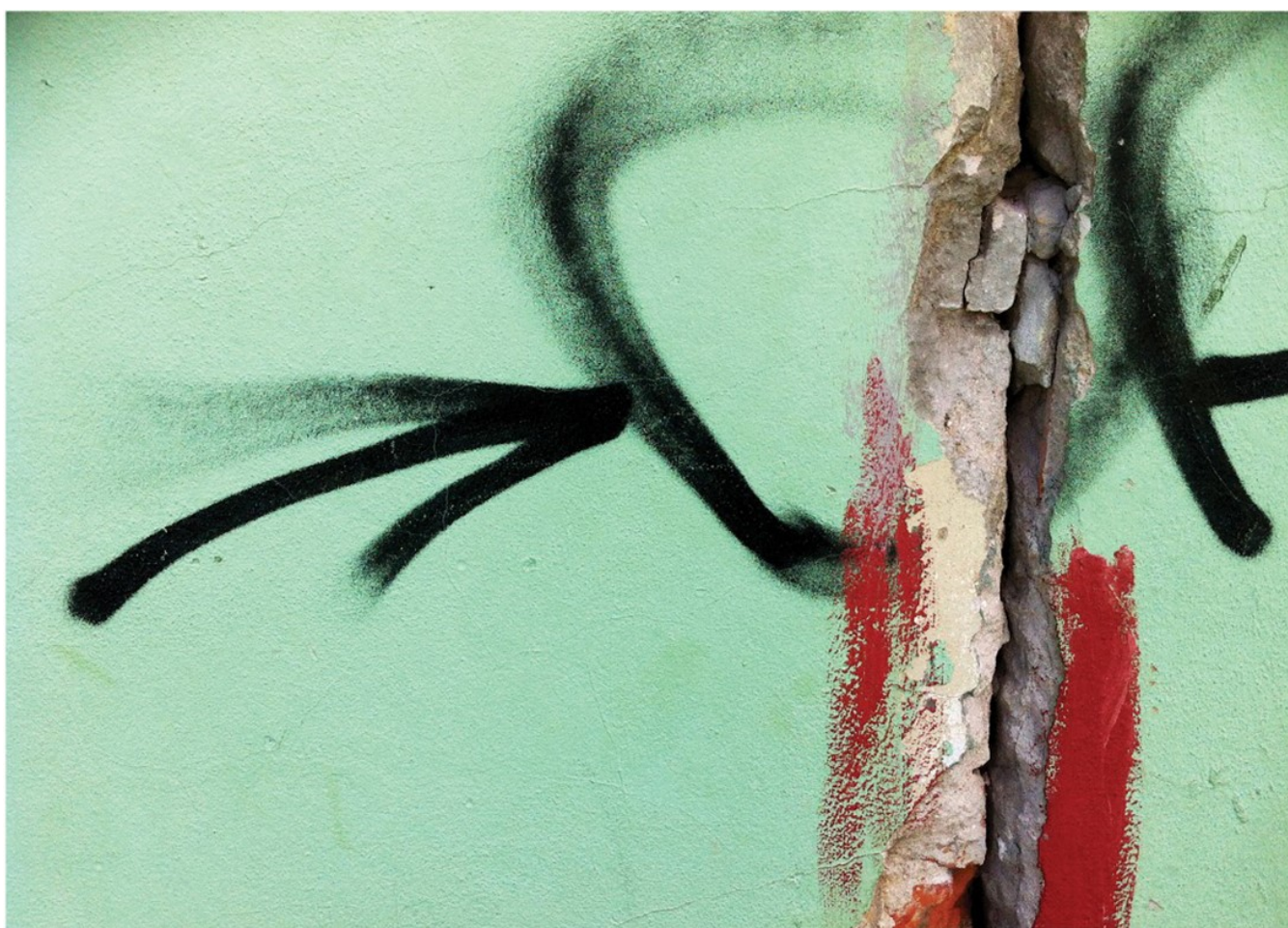










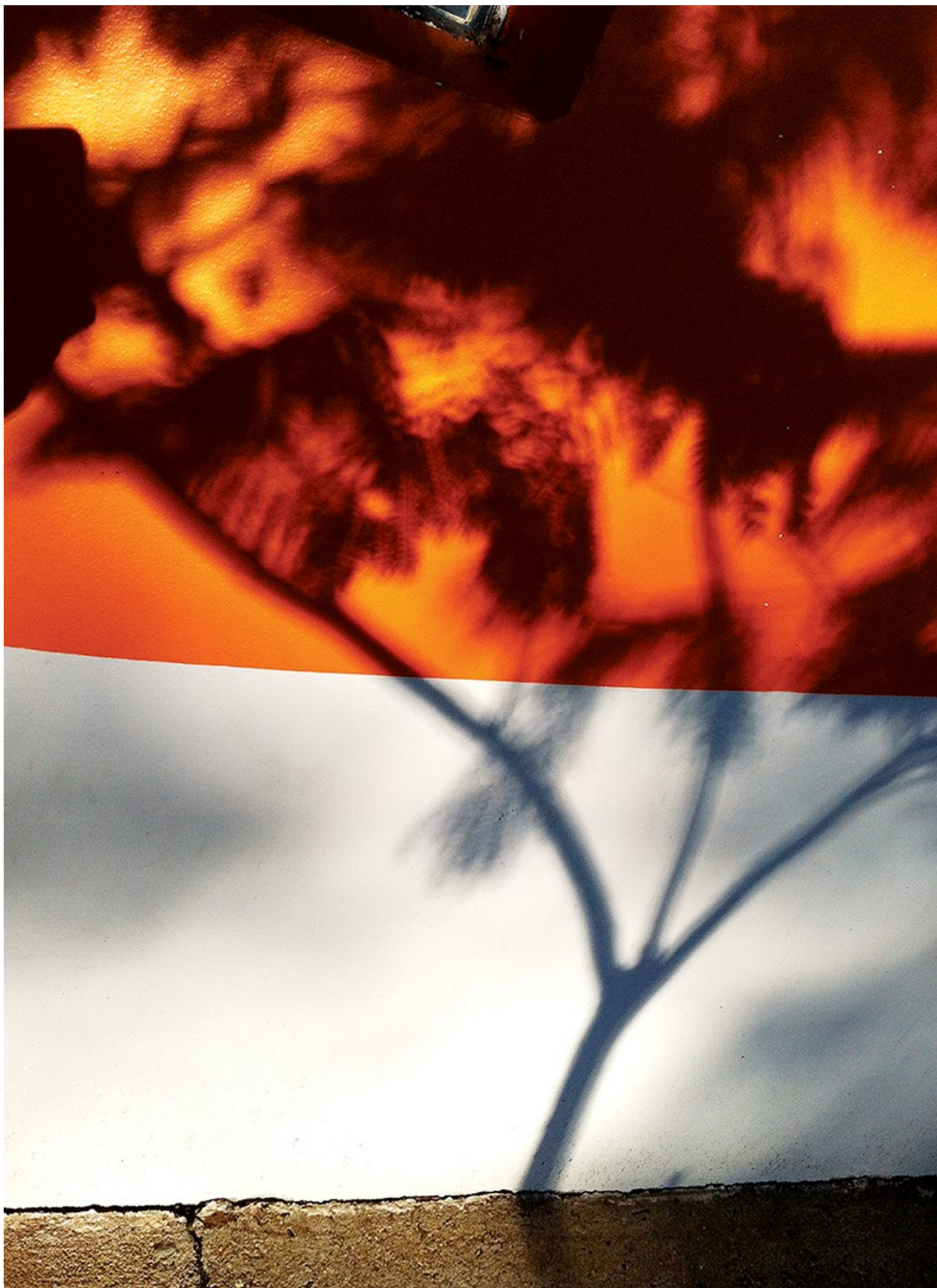




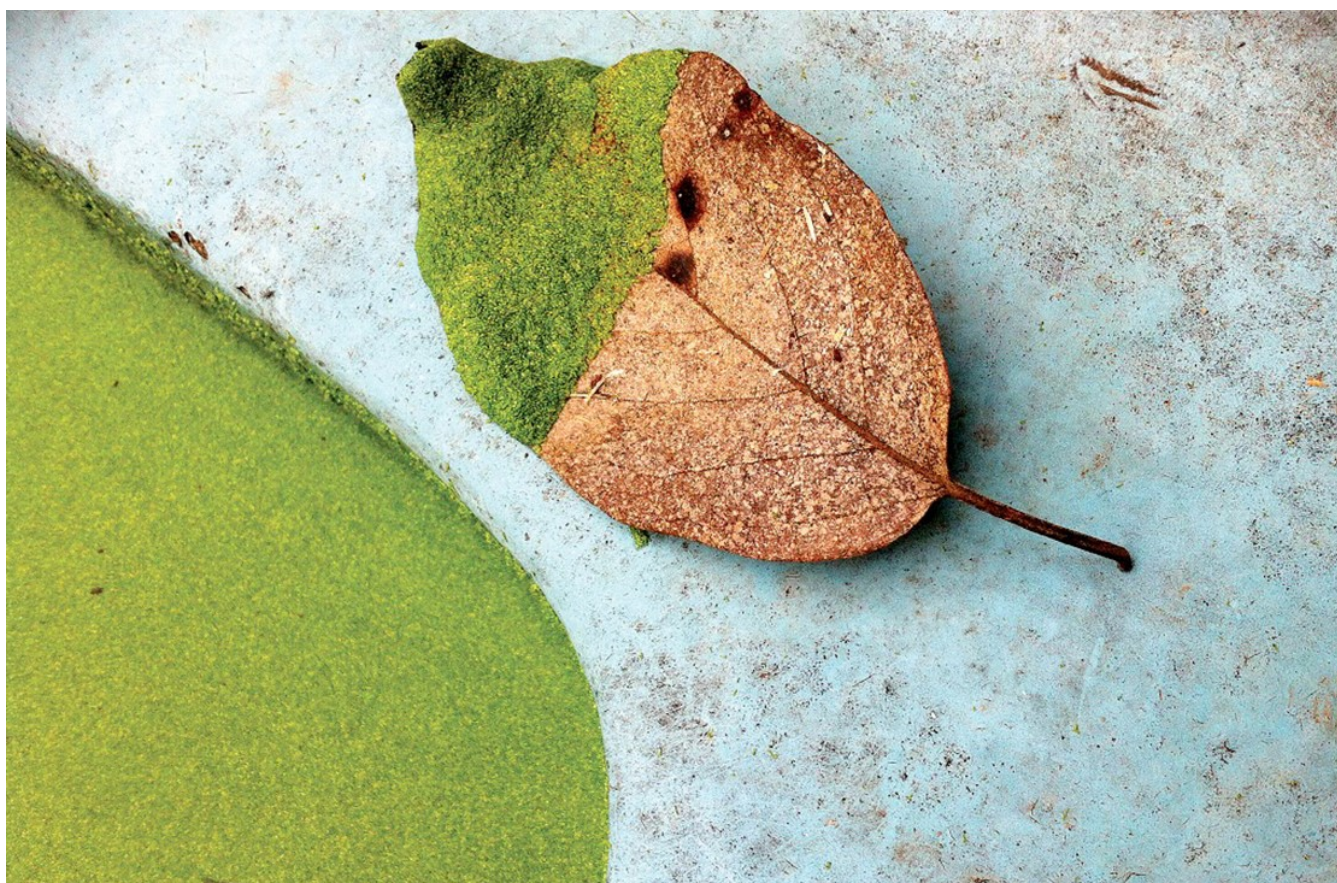












Referências

FLUSSER, Vilém. **Pour une philosophie de la photographie**, Belval, Editions Circé, 1996, p. 35.

MORIN, Edgar. **Le cinéma ou l'homme imaginaire**, Paris, Les Editions de Minuit, 1957, p. 40.